

## **DA DOMESTICAÇÃO À ALIENAÇÃO DE CLASSE TRABALHADORA: O SER SOCIAL NA REVOLUÇÃO NEOLÍTICA DO CRESCENTE FÉRTIL<sup>1</sup>**

**Eixo:** Movimento Operário e Organização de Classe: Lições da História e Perspectivas de Emancipação

Felipe Guilherme de Souza<sup>2</sup>  
Ruth Maria de Paula Gonçalves<sup>3</sup>  
Maria Susana Vasconcelos Jimenez<sup>4</sup>

### **Resumo**

Debruçamo-nos sobre os radicais princípios das classes sociais, em uma processualidade histórica, instaurada nas particularidades das condições concretas engendradas pelo trabalho durante a Revolução Neolítica no Crescente Fértil. Prosseguimos a investigação mediante um levantamento teórico - bibliográfico, sob a esteira ontológica marxiana, buscando analisar como o trabalho engendra a realidade neolítica. Nesse sentido, realizamos a apresentação crítica de alguns conhecimentos científicos recentes, os quais destacam a produção de novas objetivações materiais e espirituais, propícias à agricultura, como: ferramentas, moradias fixas, celeiros e templos, assim como a possibilidade da divisão entre trabalho manual e intelectual. Sob estas condições, uma nova finalidade, a acumulação privada é percebida e imposta por uma classe de indivíduos à custa da exploração do todos, submetendo a sociedade *pari passu* numa divisão dos indivíduos entre trabalhadores explorados e uma classe usurpadora do trabalho. Com efeito, a Revolução Neolítica expõe como fato histórico, a possibilidade da alienação. A compreensão desse período nos aproxima dos princípios da atual luta de classes, considerando que, a superação desta, tem, como *conditio sine qua non*, a eliminação efetiva e concreta da alienação do trabalho.

**Palavras-chave:** Revolução Neolítica. Alienação. Luta de Classes.

### **Abstract**

We intended to understand the origin of social classes as a historic processuality and established in the new concrete conditions engendered by labour throughout the Neolithic Revolution in Fertile Crescent. We proceeded this research on a theoretical and bibliographic survey, analyzed on the marxian ontological mat, how labour engenders this neolithic reality, through the criticizes presentation of some recent scientific knowledge, relating the production of material and spiritual means conducive to agriculture, such as tools, fixed houses, granaries and temples, basing objective and subjectively a historic particularity of domain and representation of the relation between man and nature. Under these conditions, a

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação Cearense de Apoio e Desenvolvimento da Ciência - FUNCAP

<sup>2</sup> Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário – IMO; Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE; Universidade Estadual do Ceará - UECE

<sup>3</sup> Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário – IMO; Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE; Universidade Estadual do Ceará - UECE

<sup>4</sup> Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário – IMO; Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE; Universidade Estadual do Ceará - UECE

new purpose, the private accumulation is perceived and imposed by a class of individuals at the expense of the exploitation of all, submitting the society *pari passu* in a division of individuals between exploited workers and a usurper class of workers means and products. Therewith, the history of the Neolithic Revolution exposes how comes the possibility of the labour alienation. The understanding of this period approaches of the principles in the current class struggle, to further its overcoming, having, as a *conditio sine qua non*, the effective and concrete elimination the labour alienation.

Keys-words: Neolithic Revolution. Class Struggle. Alienation.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada *A carência alimentar na formação humana na crise estrutural do capital: apontamentos marxiano-lukacsianos*, desenvolvida no interior da linha de pesquisa Marxismo e Formação do Educador, articulado com os conhecimentos produzidos no Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário (IMO), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Um dos objetivos da referida produção científica, consistiu em examinar as relações sociais no período de transição à uma nova forma de trabalho<sup>5</sup>, buscando ancorar as análises nas significativas contribuições das categorias usadas por Marx e Engels (2007; 2008). Objetivamos compreender alguns dos estudos paleoantropológicos reveladores (ainda que não tomem consciência) da transformação do meio material, e com isto, uma verdadeira revolução na formação humana nos cotidianos do Neolítico, denominado por Childe (1995), como a Revolução Neolítica<sup>6</sup>. Uma aproximação sobre este período, permite alçarmos a essência histórico - social da alienação<sup>7</sup> no capitalismo hodierno.

Destarte, intencionamos apanhar, à luz do onto-método marxiano, as raízes do capitalismo na essência do ser social, que de fato, vem sendo marcado historicamente pelo antagonismo de classes sociais. Buscamos responder por que existem as classes sociais,

---

5 Fundamentamos o trabalho, seguindo a leitura marxiano-lukacsiana, como a transformação dos meios materiais, sempre intencionada, ou seja, mediante o pôr consciente (ou teleológico) de uma determinada finalidade. Alertamos, no entanto que o por teleológico (busca dos meios e das finalidades) existe como desdobramento de uma causalidade material na qual o ser social é uma consequência do movimento material; admitirmos o contrário, seria conceber a superioridade das ideias sobre a realidade material.

6 Neste artigo concordamos com o termo usado por Childe, ainda que em seu materialismo determinista e nada ontológico, no sentido de haver uma transformação radical na forma de produzir a existência do ser social. Também apreciamos os estudos deste egiptólogo, por fundamentar tais transformações sociais nos modos de trabalho (instrumentos).

7 Lembrarmos que, para nossa análise consideramos a tradução de *Entfremdung* como alienação (ou estranhamento), e *Entäusserung*, como exteriorização. Sobre esta polêmica, confira a resenha escrita por Sérgio Lessa, na revista *Crítica Marxista*, número 32, páginas 175-177, e também a nota de rodapé 8, na página 38, do livro *Para Compreender a Ontologia de Lukács*, do mesmo autor.

evidenciando em qual(is) necessidade(s) e finalidades tal fato impele os indivíduos para uma luta individualista com vistas á sobrevivência. Em ultima análise, nossas reflexões buscam uma concepção teórica fundamentada na preocupação de conhecer o real em seus pormenores, e nas condições concretas da Revolução Neolítica, a escolha subjetiva para a determinação da história social das classes.

Tal finalidade, por sua vez requer compreender rigorosamente as determinações do real (categorias), a partir da essência histórica humana. Diferente da maioria dos referenciais teóricos contemporâneos usados para interpretar o neolítico, nossa análise finca suas categorias no surgimento do trabalho, concebido em nosso pensamento, como a categoria fundante do ser social, a qual engendra os meios de subsistência e dos complexos na reprodução social.

Portanto, perscrutamos uma análise ontológica materialista da formação das classes sociais, não apenas para entender os meios e circunstâncias as quais nossos antepassados enfrentaram, mas sobretudo, no sentido de refletir sobre as finalidades históricas casualmente escolhidas, e fortemente influenciadas pela observação dos acidentes ocasionais, advindas das transformações do trabalho comunal primitivo. A divisão dos indivíduos em classes mediante a exploração consiste em uma alternativa, a qual, algumas singularidades observaram e impuseram, mediante a violência, a pilhagem, as guerras e saques, como uma forma de acelerar a acumulação das riquezas à propriedade privada. Assim, em linhas gerais, manter a luta entre classes se apresenta como uma finalidade particular posta pelo ser social.

Vale ressaltar que a exploração do homem pelo homem, antes de tudo, é uma particularidade histórica marcada pela divisão de classes antagônicas e não surge com a humanidade. Com efeito, nossos antepassados paleolíticos viveram durante centenas de milênios com suas relações sociais de cooperação para a mútua sobrevivência dos indivíduos em tribos. Era inimaginável explorar o outro para ter para si, uma vez que, a sobrevivência de cada um dependia da sobrevivência de todos. A partir do neolítico, há apenas poucas dezenas de milênios, percebemos na humanidade a expansão de uma essência social fundada nas relações de competição para manter a exploração do trabalho.

Para Lukács (2013) o trabalho, enquanto pôr teleológico, se constitui pela busca dos meios para satisfazer finalidades, as quais, desde o início trazem barreiras naturais recuadas progressivamente pelas leis sociais. Por conseguinte, no pensamento onto-marxiano, os meios de trabalho e também as finalidades deste, são conhecimentos relevantes para a aproximação da realidade. Neste sentido, o período de transformação social acontecido na passagem de tecnologias líticas (da pedra lascada para a pedra polida), também colocou novas

possibilidades e necessidades encontradas para o trabalho, engendrando paulatinamente, uma nova finalidade social, a saber, manter uma relação social de exploração.

Seguindo a esteira ontológica marxiana, sistematizada pelo filósofo húngaro (LUKÁCS, 2013), buscamos compreender as condições materiais que produziram os indivíduos para uma revolução social. Desta forma, contemplamos alguns estudos científicos recentes, ainda não apurados pela leitura marxiana, que investigam resquícios de uma cultura transitória entre a pré-história paleolítica e a história neolítica, na região do Levante do Crescente Fértil. Nestes estudos captamos algumas das objetivações sociais produzidas com as novidades da tecnologia lítica. Em todos estes escritos percebemos uma indubitável expansão do quantitativo de pessoas, além da sedentarização nas primeiras vilas. No entanto, constatamos que os referenciais teóricos dos paleoantropólogos, se apoiam hegemonicamente em fundamentos estranhos ao trabalho como ato gênese e estruturante do ser social, afastando as suas interpretações das categorias classes sociais e alienação. Esta leitura nos indica, em última análise, a despreocupação<sup>8</sup> da ciência moderna em iluminar as finalidades sociais postas na relação entre indivíduos, ao mesmo tempo em que muitos paleoantropólogos desdenham das leituras marxistas, as objetivações sociais encontrados nos sítios, nos aproximam das condições históricas materiais, as quais os nossos antepassados neolíticos estavam imersos.

Destacamos novos estudos científicos propagadores de duas estruturas que vêm sendo conhecidas nos últimos vinte anos, e aparentemente, fundamentais para a compreensão desta transformação da realidade material no processo de domesticação. Primeiramente, em alguns sítios foram encontrados celeiros, construções usadas para estocar excedente de grãos ainda selvagens; outra construção, afastada das vilas, é uma estrutura, a qual, acredita-se ser o primeiro templo, usado para desempenhar atividades espirituais que buscavam explicar e controlar a relação da humanidade com a natureza. Por si só, a atividade de armazenar excedente ou atividade espiritual de conhecer e explicar a realidade (ainda que de forma fictícia) não determinam direta e mecanicamente uma relação social de exploração; no entanto, cada uma destas objetividades sociais foram, e ainda são, apropriadas privadamente no intuito de manter um processo de trabalho alienado. A formação das classes sociais engendra-se com esta exploração, nesse sentido, compreender sua gênese histórica, possibilita avançarmos no conhecimento marxiano das raízes históricas de sua superação.

---

8 Quando não menosprezado e considerado como conhecimento ultrapassado e anticientífico

## O início da agricultura nos primeiros celeiros e templos

Antes da agricultura, já havia uma forma de excedente. Segundo Mazoyer e Roudart (2010), as condições naturais naquela época e lugar propiciaram uma natureza repleta de animais e sementes.<sup>9</sup> Como os autores identificam, os reinos vegetal e animal estavam passando por novas adaptações naturais, principalmente com a mudança da vegetação de estepe para uma savana, além de:

faias e de pistacheiras, rica em cereais selvagens (cevada, trigo einkorn – *Triticum monococcum*, trigo amidoireiro – *Triticum dicocum* etc.) e que proporcionavam também outras fontes vegetais exploráveis (lentilhas, ervilha, ervilhaca e outras leguminosas), assim como caças variadas (javalis, cervos, gazelas, aurochs, asnos e cabras selvagens, coelhos, lebres, pássaros etc.) e peixes em certos locais”.(MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 102)

Seguindo, de fato, neste cotidiano social com ampla biodiversidade, percebemos a possibilidade de uma abundância nas fontes alimentares, contendo uma grande variedade e quantidade de nutrientes. Conforme os autores, a manutenção por longo período, de uma dieta, necessariamente onívora com predominância de vegetais, permitiu ao ser humano, nesta região, se estabelecer em “novos habitats artificiais”, agrupando-se em pequenas casas, compondo pequenos vilarejos de 0,2 a 0,3 hectares (cerca de 2.000 a 3.000 metros quadrados), com 50 até 300 pessoas. Para estes cientistas, a biodiversidade e a construção de vilarejos, são alguns dentre outros fatores que propiciaram o início da domesticação e o aumento da população. Ainda que não percebam o significado onto-histórico, os autores compreendem que uma determinação real para estes dois processos é a existência do excedente alimentar.

Estes importantes achados nos indicam que o processo de sedentarização em vilas, inicia-se antes da agricultura, em comunidades, como os Natufianos<sup>10</sup>, os quais começaram a sedentarização ao mesmo tempo que a domesticação. Podemos afirmar isto, conforme os achados de pesquisas arqueológicas dos povos Natufianos, e apresentado nos estudos de Kuijt e Finlayson (2009). Nessa pesquisa, os paleoantropólogos através de resultados, ainda

9 Diferentemente do clima encontrado nos dias de hoje, uma faixa de terra vizinha aos desertos do Saara e da Arábia, o Crescente Fértil, estava submetida às condições climáticas pós-glacial, causando um ambiente seco e frio.

10 A paleoantropologia denomina a cultura natufiana, relacionando a organização social a qual viveu por cerca de 3.000 anos (13.000 à 10.000 anos atrás) na região do Levante do Crescente Fértil. As pesquisas mais antigas desde período, as quais Engels, Childe e Ponce tiveram acesso, estão relacionadas à sítios arqueológicos na Mesopotâmia e Egito. Os estudos dos Natufianos, embora mostre novas objetivações produzidas por um povo que criador da agricultura, já possuía celeiro e templos, não elimina a história posterior aos Natufianos ter sido nas contradições da luta de classes. Os achados arqueológicos nesta região tem colocado em dúvida a teoria de que a agricultura teria começado na região da Mesopotâmia, o lado oposto do Levante.

iniciais, do sítio de Dhra, na atual Jordânia, mostram que uma das primeiras vilas foram construídas no Neolítico Pré-Cerâmico, há 11.500 anos. O que nos chama atenção é a presença de celeiros, no formato de uma (bem elaborada) construção circular, destinadas ao armazenamento dos grãos. Sabe-se, através de escavações nesta mesma região, que os grãos eram guardados no interior de cada casa, pequenos excedente armazenados em potes ou em prateleiras, sem a necessidade de um espaço maior.

Após a descoberta destes celeiros, temos o indício de uma maior preocupação em guardar grandes volumes de excedentes, determinando uma conservação prolongada, sob condições específicas, as quais evitam a perda por umidade ou deterioração por roedores, mediante a construção de estruturas de pequenas colunas feitas de pedra, sustentando troncos, enfileirados em forma de grade, 35 a 50 cm acima do chão (KUIJT; FINLAYSON, 2009).

Tal fato nos chama a atenção para uma compreensão de um processo anterior à agricultura, objetivando a redução do tempo despendido na caça e coleta, mediante novos instrumentos e de estruturas de armazenamento do alimento nas vilas. Destacamos, em nossa análise, o aumento da quantidade de alimento coletado sendo estocado em celeiros, ou seja, construções apropriadas para o armazenamento e conservação dos grãos, ainda selvagens. Com isso, estreitaram-se as relação entre plantas, estocadas sob a forma de sementes, e seres humanos, que aprimoram a atividade de coleta, armazenagem, conservação, além de outras atividades que relacionam-se com a domesticação<sup>11</sup>. A escolha social desta espécie para ser domesticada, e igualmente de outras sucessivas mutações naturais, foram selecionando uma semente mais profícua à agricultura, uma matéria-prima que possibilita uma maior produtividade.

Desta forma, as novas condições históricas possibilitam a construção de novas formas de transformação da natureza, advindas da fixação dos Natufianos em vilas. Assim a totalidade social complexifica, no sentido de recuar as barreiras naturais e no aumento das forças sociais, em novas necessidades e possibilidades. Daí, o intercâmbio com a natureza traz outros conhecimentos e habilidades para produção de meios antes inexistentes. Além do

---

11 Os resultados de estudos da comparação morfo genética (da forma e do genoma) das sementes (de cevada, e trigo) encontradas nos celeiros, apontam para espécies selvagens das plantas, indicando, assim a ausência da variedade domesticada. Kuijt *et al.* (2009) argumentam que mesmo com a possibilidade de estarem sendo cultivada ao redor dos celeiros, estas vilas encontravam-se em um período de pré-domesticação das sementes, no qual “sua seleção ativa e controle reflete, em ambas, a intencionalidade e o estágio inicial de transformação morfológica e reações para domesticação” (p. 10.969). Segundo estes pesquisadores, e também para Mazoyer e Roudart (2010), recentes estudos genéticos sobre as sementes de trigo, concluíram que a espécie domesticada diferencia-se por apresentarem uma mutação na estrutura biológica na qual as sementes do grão se fixam firmemente ao caule. Esta causalidade no gênero biológico do trigo, possibilitou o desenvolvimento de uma planta com características favorável à maior produtividade

desenvolvimento dos instrumentos da pedra lascada para a pedra polida, novos espaços sociais foram construídos. No caso dos natufianos, destacamos, além dos celeiros descritos acima, a construção de templos, destinados à atividades místicos-religiosas.<sup>12</sup> É o caso do sítio arqueológico de Göbleki Tepe, na Turquia, o qual Schmidt (2010) tem estudado e apresentado a formação de estruturas destinada à rituais.

Percebemos nos estudos deste autor, que nestes templos podem ser observados, tanto desenhos de figuras de animais e homens, como esculturas na forma de totens. Estes achados indicam a busca de um maior domínio da natureza, como uma das funções da atividade específica neste espaço. Tal domínio era obtido mediante a crença em atividades mágicas, neste período, mesclado com a ciência e a arte.

Percebemos o quanto os achados arqueológicos de Schmidt, (2010) estão sendo embasados na tradição científica que admite a centralidade da cultura, como encontrado no conceito de “revolução simbólica” de Cauvin<sup>13</sup>. Para estes autores o fator desencadeador da formação de primeiras vilas e da agricultura foi, e ainda é, uma profunda transformação na forma de manifestar os símbolos de uma cultura.

Sem omitir o conhecimento da paleoantropologia moderna, e na apropriação crítica e ontológica, a interpretação marxiana, compreende que a significação dos símbolos, importante para a formação humana na complexificação da linguagem, é uma determinação fundada e não fundante<sup>14</sup> da história humana. A construção do Göbekli Tepe, possivelmente pelos natufianos, evidencia o avanço das forças produtivas na produção de alimentos, capaz de sustentar um ser social com seus corpos, físicos e espirituais, para a reprodução da vida em “largas e permanentes comunidades”.

Todo o trabalho dos natufianos, ou seja, suas forças produtivas, sendo desgastadas e consumidas com a finalidade de objetivar neste espaço, e com isto seguir na busca de compreensão sobre um mundo para-si, ainda mágico, da natureza. Com efeito, esta concepção de mundo, desdobra-se numa ontologia fictícia, na qual será elaborada para explicar o movimento natural. Ponce (2003, p. 28) apresenta um pensamento muito semelhante do

---

12 Alguns autores consideram este período de construção dos templos como o início da humanidade, pois estes se fundamentam na linguagem como ato principiante da atividade social. Um dos teóricos que mais se destaca na defesa desta tese é Cauvin, autor de *Nascimento das Divindades. Nascimento da Agricultura. A revolução simbólica do Neolítico*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

13 “Nós observamos que as sugestões de Jacques Cauvin estavam corretas: o fator que permitiu a formação de largas e permanentes comunidades foi a facilidade de usar cultura simbólica, um tipo de capacidade pré-alfabetização para produzir e ‘ler’ a cultura material simbólica, que permite comunidades formular suas identidades compartilhadas, e seu cosmos.” (SCHMIDT, 2010, p.253-4)

14 Sobre a formação da cultura humana fundamentada no trabalho, conforme o pensamento marxiano, confira Leontiev (1978).

significado de uma ontologia fictícia, quando afirma que

A primitiva concepção do mundo como uma realidade ao mesmo tempo mística e natural, uma realidade por onde circulam *forças difusas*, é agora substituídas por outra concepção, em que se reflete a mesma noção de hierarquia que apareceu na estrutura econômica da tribo: *deuses dominadores e crentes submissos* dão um matiz original às novas crenças da tribo. Crenças tão diretamente ligadas à essência das classes sociais, que a continuação da vida depois da morte – comum a todos no início – passa mais tarde a ser um privilégio dos nobres. (PONCE, 2003, p. 28)(itálicos do autor)

As esculturas de Göbekli Tepe são fortes indícios da generalidade social tendo as possibilidades de novas atividades, sem estarem imediatamente no ato de trabalho, mas prévia e coletivamente juntos nesta apreensão da realidade, ainda que, a partir de uma interpretação fictícia desta. Os rituais provavelmente buscavam capturar a natureza, espiritual e concretamente, expressando uma concepção de mundo específica, qual seja, o animismo, e nesta forma, “Os primitivos acreditavam em forças difusas que impregnavam tudo o que existia, da mesma maneira que as influencias sociais impregnavam todos os membros da tribo” (PONCE, 2003, p. 20-21).

Ou seja, uma série de complexos, predominantemente teleológicos, estabelecidos pela predominância das relações entre sujeitos. A formação das classes sociais antagônicas, mediante a necessidade de desenvolver complexos sociais estendidos a uma maior produtividade do trabalho, evidenciam para isso, necessariamente, a alienação, de uma classe, do usufruto da produção material. Algo que aconteceu no Egito, mas que se assemelha muito às colunas em forma de “T”, encontradas em Göbekli Tepe.

Segundo os estudos de Schmidt (2010), estes pilares podem “facilmente serem interpretados como estruturas antropomórficas, assim como alguns pilares aparentam ter armas e mãos, sem dúvidas, humanas, elas são, em outras palavras, estátuas de pedra semelhante ao ser humano” (p. 244). Estátuas de pedras encontradas na região, de semelhantes formas, indicam que provavelmente tivessem um mesmo conteúdo religioso, o que reforça a interpretação da função antropomórfica de tais artefatos. Abaixo das estátuas em forma de “T”, encontram-se representações de animais. Em uma delas, podemos perceber nitidamente a representação de uma raposa sendo agarrada por mãos humanas. Além disso, outras representações espalhadas e milhares de ossos de presas foram encontrados, indicando, provavelmente, que a atividade que mais alimentava no momento era a caça, considerando a representação antropomórfica do caçador, como objeto a ser adorado.

Schmidt (2010) afirma não serem conhecidas, as causas que levaram ao abandono de

Göbekli Tepe, no entanto, pelas observações de que os círculos mais antigos eram maiores que os mais recentes, possivelmente é sinal de uma menor quantidade de forças produtivas, devido as limitações candentes em torno da carência de recursos naturais, ainda selvagens (não-domesticados). Eram tempos de penúria que levaram a busca de novos lugares, e ao mesmo tempo, desdobraram uma necessária revolução das relações sociais e das forças produtivas, em novas práxis adotadas pela domesticação.

Concomitante à estas duas novas construções sociais, celeiros e templos, é que podemos compreender as condições que permitiram preparar os meios materiais e espirituais para a domesticação. A fase inicial deste processo ainda com muitas lacunas, também denominada como “protocultura” (MAZOYER; ROUDART, 2010) na qual o estreitamento na convivência entre humanos e natureza foi sendo protagonizado por comunidades natufianas. Tal fase culminou com o surgimento da agricultura e foi um fato histórico de transição no intercâmbio material entre humanos e natureza, no qual as forças sociais avançaram sobre uma série de fatores ambientais, pós-glaciação, favoráveis ao aumento da produção e a transfiguração de uma vida selvagem para doméstica. Tal fato contribuiu para que muitos indivíduos natufianos aprendessem a lidar com as forças naturais, sendo que

as primeiras sementeiras aconteceram **de forma acidental, próximas às moradias, em lugares de debulha e de preparo** culinário dos cereais nativos. A protocultura teria se desenvolvido **nesses mesmos terrenos, já desmatados, enriquecidos de dejetos domésticos**, e sobre terrenos regularmente inundados pelas cheias dos rios por sedimentos de aluvião, que não exigiam nem desmatamento nem preparo do solo. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p 105) (grifos nossos)

Defendem os autores que, neste ato acidental, ocorre o descobrimento de novos nexos causais, nos quais dificilmente são estabelecidas “relações de causa e efeito entre todas essas novidades, pois elas não aparecem em uma ordem cronológica constante nos diversos sítios escavados” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p 105). A história dos acontecimentos contém, em si, uma rede de causas, uma causalidade, ou, “o produto comum” em um “espaço social” sendo ampliado, sobretudo, na troca de habilidades e conhecimento, de produtos do trabalho, entre cada agrupamento social organizado dentro de domicílios.

Acrescentamos ainda que essas transformações do modo de vida **não foram fruto de uma evolução linear** de um ou mais vilarejos precisamente localizados, de onde um novo sistema econômico teria surgido bem-estruturado. Elas são certamente **o produto comum de um espaço social mais amplo**, coincidindo com a área de repartição próximo-oriental dos cereais selvagens, e mais particularmente da cevada. Falamos de uma área

comportando suficientes **caracteres comuns e também variações e defasagens** para que as **trocas de múltiplas experiências** fossem ao mesmo tempo possíveis e enriquecedoras. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p 105)

Nestas transformações mais amplas do “espaço social”, entre tantas outras organizações sociais, os natufianos puderam desenvolver suas casas, celeiros e templos, transformando o meio material, e, sem objetivamente saberem, propiciaram a domesticação; houve um aumento do alimento básico para as forças produtivas desenvolverem, o que para Marx e Engels (2008) significa também o aumento de indivíduos e das suas necessidades alimentares. Daí, a necessidade de buscar mais alimentos, sendo a guerra e os saques, além dos estoques de alimentos entre tribos, uma alternativa, às vezes, a única, para se ter um estoque de mantimentos mais rápido.

Todas estas transformações objetivas no cotidiano são importantes para nos aproximar das bases materiais em formação nos seres humanos neste período, particularmente nas vilas que passaram a desenvolver a agricultura. O armazenamento de grandes quantidades de grãos possibilitou um crescimento vertiginoso no número de pessoas e de novas atividades sociais, imprevisível anteriormente. O excedente de grãos selvagens ou domesticados tem uma importância efetiva para este processo. A questão central para compreendermos este excedente é a relação entre a sua produção e a distribuição posterior, ou seja: quais eram as finalidades postas para o usufruto dos cereais armazenados?

### **A origem das classes sociais no excedente agrícola**

Tentaremos entender neste contexto, como estes alimentos estocados eram distribuídos. Quais as finalidades e como era realizada esta distribuição? Maiores estudos ainda precisam ser apresentados para refletirmos sobre as respostas mais factíveis, porém, sob o referencial marxiano, sobretudo após os estudos marxiano-lukacsianos de Lessa (2012), podemos compreender que tal processo, em sua essência, era estabelecido por relações de cooperação. “A cooperação, e não a concorrência, já foi a forma básica da vida social, e nem por isso o desenvolvimento das forças produtivas deixou de acontecer” (LESSA, 2012, p. 20).

Para Lessa (2012), Eleanor Leacock (1922-1987) devidamente resume este tempo em que “a total independência era inseparável de uma real autonomia” (LEACOCK, segundo LESSA, 2012, p. 19-20). No entanto a produção do excedente de alimento, para buscar superar a carência deste, possibilitou o surgimento de novas relações sociais, baseadas na competição entre os indivíduos.

O trabalho excedente não existia na sociedade primitiva, é algo inteiramente novo; o modo de produção primitivo não conheceu nada sequer parecido. Se, nas sociedades primitivas, o tempo gasto com a vigilância e o controle dos trabalhadores resultava em menos do que o indivíduo produziria diretamente, agora a atividade de controle e vigilância necessários para realizar a exploração das pessoas resulta em uma riqueza maior do que aquela que seria obtida diretamente pelo trabalho do indivíduo. Isto é o que torna uma possibilidade a exploração do homem pelo homem. (LESSA, 2012, 21-2)

Se os celeiros encontrados nos sítios natufianos indicam uma preocupação em armazenar, temos aí, então, o início do excedente, ainda em uma época em que a carência era algo constante na vida destes grupos, principalmente por não terem desenvolvido a agricultura. Lessa (2012, p. 22) nos apresenta uma interpretação muito próxima desta particular realidade natufiana, na vida do ser social neolítico, ao constatar que “... o total da produção não era suficiente para atender às necessidades. Com a carência, uma distribuição igualitária do produzido faria com que tudo fosse consumido, não restando nada para desenvolver as forças produtivas”. Portanto a necessidade de exploração do homem pelo homem advém desta situação de carência concomitante a uma incipiente produção de excedente. Tais condições foram respondidas por alguns agrupamentos neolíticos desta forma, uma vez que

na sociedade de classes este problema é superado. Uma sociedade de classe é aquela em que uma parte da sociedade, a classe dominante, explora a outra e majoritária parte da sociedade. Como a classe concentra uma riqueza que não consegue inteiramente consumir, sobra para investir no desenvolvimento dos seus negócios. E desenvolver negócios significa também a construção de portos, de estradas, a concentração de trabalhadores, o desenvolvimento mais acelerado das forças produtivas do que nas sociedades primitivas (LESSA, 2012, p. 22)

Lembremos que estamos refletindo sobre o período histórico no qual o desenvolvimento das forças produtivas ainda estava buscando domesticar a natureza e, portanto, ainda não eram capazes de construir portos, mas já se tinha uma produção muito maior que a das comunidades primitivas, o que levaria posteriormente à troca de excedentes. O fato de existirem celeiros indica o aumento da produção e também a possibilidade de ter pessoas destinadas ao “controle e vigilância”, e à distribuição. Para Ponce (2003, p. 22-3), “[...] o aparecimento de um *grupo de indivíduos libertos do trabalho material* era uma consequência inevitável da ínfima produtividade da força humana de trabalho”. O autor aprofunda sua reflexão sobre a transição das relações de cooperação para a competição:

Apesar de estarem sob tutela da comunidade – porque não se lhes reconhecia nenhuma importância especial –, os “funcionários” que receberam a custódia de determinados interesses sociais fizeram derivar desses interesses certa exaltação de poderes. **O encarregado da distribuição de víveres, por exemplo, dispunha de alguns homens que cuidavam dos depósitos, e não é difícil imaginar de que maneira a sua relativa preeminência foi-se convertendo com o tempo numa verdadeira hegemonia.** No entanto, para nós tem importância ressaltar *que as classes sociais, que, posteriormente, chegaram a ser “privilegiadas”, desempenhavam, no início, funções úteis.* A sua relativa supremacia inicial foi, a princípio, um fato aceito voluntariamente e, de certo modo, espontâneo. Qualquer desigualdade de inteligência, de habilidade ou de caráter poderia servir de base para uma diferença que, com o tempo, poderia engendrar um submetimento. (PONCE, 2003, p. 23) (negrito nossos) (itálicos do autor)

Neste processo histórico, da “relativa preeminência” à “verdadeira hegemonia”, é o processo histórico no qual alguns indivíduos escolhidos, por sua utilidade à sociedade, para controlar, vigiar e distribuir o excedente, o que torna uma pessoa com uma função muito importante na formação da sociedade de classes.

O artigo de Mann (2011) demonstra que durante todo o pensamento religioso, a figura superior na hierarquia social era vista com tendo uma conexão especial com as forças da natureza. Com efeito, este templo surpreende tanto nos seus significados, como na sua estrutura. No entanto, nosso referencial ontológico distancia-se daqueles utilizados pelos autores citados da paleoantropologia, pois fundamentamos as transformações neolíticas no engendrar do trabalho agrícola. Esta determinação não resume apenas ao trabalho, mas à um complexo de complexos na reprodução social, no qual a linguagem tem uma função específica e relativa ao trabalho. De fato realmente houve uma mudança radical nos significados colocados à realidade, no entanto esta revolução não ocorreu apenas pela vontade da idéia em-si, sem uma alma social. Basta constatarmos que, sem a produção material dos meios de vida (comida, habitação, roupas), não há como os indivíduos terem as possibilidades objetivas de operar a complexificação de suas atividades. O trabalho, na nossa perspectiva teórica, fundamenta toda a transformação material e espiritual, e a apropriação privada destas transformações é que caracteriza o início da alienação. Portanto, no caminho que leva da “relativa preeminência” à “verdadeira hegemonia”, percebemos o engendrar da alienação.

Esta perspectiva nos mostra o quanto os rituais mágicos, nesta particularidade histórica, desempenharam uma importante tarefa de mediar e ampliar o domínio humano sobre os a natureza. No entanto, o que mais chama a atenção dos cientistas nesta descoberta, não é apenas a estrutura de monólitos com seis metros, pesando até quinze toneladas, mas,

entender como esta foi executada, ou seja; a maneira encontrada pela sociedade primitiva em conseguir uma complexa organização do trabalho no Neolítico Pré-Cerâmico, ainda tão rudimentar, para realizar um empreendimento deste porte.

## **CONSIDERAÇÕES**

Conforme nossos estudos marxianos sobre a Revolução Neolítica pudemos compreender que seu ato histórico é determinado pela uma transformação dos meios de sobrevivência, ao ponto em que a produtividade possibilita o crescimento das organizações sociais e de suas forças produtivas, ou seja, ter pessoas para desempenhar funções específicas do intelecto, sem participar diretamente da produção material. Essa divisão do trabalho manual e intelectual, conforme Marx (2008) possibilita as condições objetivas para uma auto-percepção da consciência. Por sua vez, esta possibilidade gera a necessidade de atividades com a função de buscar uma explicação sobre a realidade, ainda que de forma mística. A construção dos templos, nestas particularidades históricas, significa ao mesmo tempo uma formação humana na magia, a qual já gestava uma relação entre ciência e arte, posteriormente separadas. Em linhas gerais, o ato histórico da Revolução Neolítica, a transformação material para meios de vida (das vilas à domesticação), desencadeia novas possibilidades e necessidades para os complexos da reprodução social. Tais determinações são possíveis pela presença do ócio, ou seja, de um tempo livre da produção material, destinado a produção intelectual, algo extremamente útil, pois começa a ser sistematizado ideias e de explicar, ainda que sem conhecer corretamente, a realidade material.

Desta divisão do trabalho manual (à plantar e estocar os cereais) e intelectual (à procurar uma explicação e finalidade da existência humana), desdobra-se a possibilidade da alienação, ou seja, da imposição de uma realidade material destinada e subalterna ao mundo espiritual. Esta concepção hegemônica das ideias sobre a matéria é usada para justificar as finalidades de exploração do trabalho material para o crescimento da propriedade privada. Esta hegemonia controlando as finalidades nas ideias e os meios concretos de efetivá-las, torna-se uma “verdadeira hegemonia”. Desta maneira, consideramos a alienação como um processo pautado na apropriação do trabalho manual e intelectual para atender as necessidades de existência individual. Como uma forma alienada, as relações sociais são postas no sentido de fortalecer a superioridade do intelecto/espírito/ideia e o menosprezo pelo manual/material/concreto. Tal processo de alienação do trabalho está na essência ideológica que busca manter uma sociedade de classes sociais em suas mais diversas formas históricas.

Essencialmente relacionadas ao trabalho, estas condições históricas, as objetivações socialmente produzidas concomitante à alienação das objetivações humanas, devemos compreender o engendrar das classes sociais, e sobretudo, na luta decisiva para a humanidade entre uma classe dominante e a trabalhadora, submetida à exploração.

Por último, pudemos entender a história das classes sociais, dividida em dois períodos de produtividade: na subprodução (produção menor que a demanda) e na superprodução (produção maior). Este primeiro período é condicionado fortemente à uma relação de competição entre indivíduos, e com o prisioneiro de guerra surge a figura do escravo, a primeira forma histórica de classe explorada. Mesmo com o aumento da produtividade, ainda não havia condições objetivas para alimentar todos os indivíduos de forma permanente. O crescimento das trocas comerciais capitalista, também trouxe uma contradição na esfera econômica, pois possibilita as condições concretas para alimentar mais que todos os indivíduos, e ao mesmo tempo inviabiliza à uma das classes o acesso desta necessidade.

No entanto, as condições de superprodução apresentadas pela atual crise estrutural do capital<sup>15</sup>, além de agudizadas cada vez mais as relações sociais à quase absoluta barbárie competitiva, também realça, ainda que alienado, as condições objetivas e concretas para efetivarmos realmente as necessidades e possibilidades de todos seres humanos. Com efeito, é urgente a tarefa da classe trabalhadora de direcionar, em todas as esferas da existência, a sua luta efetiva e material com a classe dominante capitalista na finalidade última da emancipação humana, objetivada na *cotidie sine qua non* da emancipação dos trabalhadores explorados. É nesta emancipação, conforme Marx, Engels e Lukács que todos os antagonismos de classe, de fato e concretamente são resolvidos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CHILDE, Vere Gordon. **Los Orígenes de La Civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ENGELS, Friederich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**: Trabalho relacionado com as investigações de L. H.Morgan. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização

---

15 De acordo com Mészáros (2000, p.08), "A crise estrutural do capital é a séria manifestação do encontro do sistema com seus próprios limites intrínsecos". Assim, o acúmulo das sucessivas crises cíclicas e a insolvência crônica das contradições conduz o capital a uma crise estrutural de caráter universal, global e em tempo contínuo.

Brasileira, 1984.

GEPTS, Paul; BETTINGER, Robert; BRUSH, Stephen; DAMANIA, Ardeshir; FAMULA, Thomas; MCGUIRE, Patric; QUALSET, Calvin. **The Domestication of Plants and Animals: Ten Unanswered Questions.** Biodiversity in Agriculture: Domestication, Evolution, and Sustainability. New York: Cambridge University Press, 2012.

KUIJT, Ian; FINLAYSON, Bill. **Evidence for food storage and predomestication granaries 11,000 years ago in the Jordan Valley.** Disponível em <http://www.pnas.org/content/106/27/10966.full.pdf+html?sid=d58c5b79-cb82-4dfa-a3da-961bebca8339>. Acesso em dez/2013.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1978

LESSA, Sergio. **Abaixo a família monogâmica!.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II.** São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MANN, Charles C. **The Birth of Religion.** In: National Geographic Magazine, Jun, 2011. Disponível em National Geographic Magazine - NGM.com <http://ngm.nationalgeographic.com/print/2011/06/gobeklitepe>. Acessado em dez/2013

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista e Princípios do Comunismo.** São Paulo: Sandermann, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. 3a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. In. **Revista Outubro.** N. 4, São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2000.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes.** 20 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHMIDT, Klaus. **Göbekli Tepe – the Stone Age Sanctuaries.** New results of ongoing excavations with a special focus on sculptures and high reliefs. In: Documenta Praehistorica XXXVII, 2010.